

Possível tradução de poemas de Assunta Renau Ferrer

Tania Mara Antonietti Lopes¹

Resumo: Este artigo trata de uma proposta de tradução para alguns poemas de Assunta Renau Ferrer, poeta da Guiana Francesa, de seu livro *Mon cœur est une mangrove*, publicado em 1996. A base teórica dos Estudos de Tradução utilizada parte das ideias de André Lefevère (2012) e de Itamar Even-Zohar (2012). Meu objetivo é apresentar a poeta guianense a partir de seus poemas que, traduzidos para o português, podem proporcionar o interesse por uma literatura diversa da nossa e ampliar o campo de pesquisa tanto dos Estudos da Tradução quanto dos Estudos Literários.

Palavras-chave: Assunta Renau Ferrer, Estudos da Tradução, Refração, Poesia.

Résumé: Cet article traite d'une proposition de traduction de quelques poèmes d'Assunta Renau Ferrer, poétesse guyanaise, de son livre *Mon cœur est une mangrove*, paru en 1996. La base théorique de la traductologie utilisée part des idées d'André Lefevère (2012) et Itamar Even-Zohar (2012). Mon objectif est de présenter la poétesse guyanaise à partir de ses poèmes, qui, traduits en portugais, peuvent susciter un intérêt pour une littérature différente de la nôtre et élargir le champ de recherche tant en traductologie qu'en études littéraires.

Mots-clés: Assunta Renau Ferrer, Traductologie, Réfraction, Poésie.

Sabe-se que os Estudos de Tradução dificilmente ocupam um lugar central no pensamento teórico sobre literatura. Desde a primeira geração dos teóricos de tradutores do Romantismo alemão a relevância dessa área tem sido negada. Parto do

1 Doutora em Estudos Literários (Unesp) e doutoranda do Programa de Letras Estrangeiras e Tradução do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP.

posicionamento de André Lefevere (2012) para conduzir esta proposta de tradução de poemas de Assunta Renau Ferrer, autora da Guiana Francesa, e oferecer uma discussão sobre a contribuição significativa que o ato tradutório exerce na teoria literária e seu importante papel no desenvolvimento das literaturas.

Para introduzir a discussão, retomo a contextualização oferecida por Even-Zohar (2012) no que se refere à cristalização de culturas nacionais por via da tradução. Há um paradoxo em torno da literatura traduzida, pois, apesar da função essencial de transmissão de cultura, sua posição dentro do sistema literário ainda é periférica. Diante disso, colocam-se as seguintes perguntas:

Existe alguma base para uma suposição diferente, isto é, considerar a literatura traduzida como um sistema? Existe o mesmo tipo de rede cultural e verbal de relações dentro do que parece ser um grupo arbitrário de textos traduzidos como aquele que propomos voluntariamente para a literatura original? Que tipo de relação pode haver entre as obras traduzidas, que são apresentadas como fatos completos, importados de outras literaturas, desligados de seus contextos de origem e, conseqüentemente, neutralizados do ponto de vista das lutas do centro-periferia?² (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 162 – tradução minha).

Dos argumentos propostos pelo teórico, para responder a essas questões, interessa-me a forma como a literatura de origem é selecionada, sem deixar de considerar que há comportamentos e políticas específicas que se adotam para o uso do repertório literário. Nesse sentido, é estritamente necessário falar/escrever sobre tradução, principalmente quando está patente de que se trata do principal recurso – associado aos demais aspectos envolvidos na disseminação de uma obra – para impulsionar uma literatura, sobretudo se essa literatura é periférica, como no caso da literatura da Guiana Francesa, representada aqui por Assunta Renau Ferrer.

O que se sabe dessa literatura provém de artigos científicos sobre estudos francófonos e informações existentes na web sobre seus principais autores. Trata-

2 “Is there any basis for a different assumption, that is for considering translated literature as a system? Is there the same sort of cultural and verbal network of relations within what seems to be an arbitrary group of translated texts as the one we willingly hypothesize for original literature? What kind of relations might there be among translated works, which are presented as completed facts, imported from other literatures, detached from their home contexts and consequently neutralized from the point of view of center-and-periphery struggles?”

-se de uma literatura jovem, uma vez que o século XIX guianense ainda é pouco marcado pela presença de escritores. Havia raras publicações de poemas em jornais locais. Ainda hoje é difícil encontrar vestígios de escritores que viveram nesse período, como Ho-A-Sim-Elosem e R. Octaville, entre outros, exceto por dois poetas: Ismaïl Urbain e Fabien Flavien, que são considerados, por Biringanine Ndagano (1996), os primeiros poetas guianenses. Entretanto, Alfred Perépou também desempenhou um papel importante entre os escritores do século XIX. A publicação, em crioulo, de sua obra *Atipa* (1885), marca o nascimento da literatura guianense. Seu objetivo era criticar a sociedade da Guiana naquele período. Trata-se de uma reivindicação cultural em relação ao crioulo, a fim de reconhecê-lo como um meio de comunicação, a despeito do domínio da língua francesa como língua oficial da Guiana.

A etapa mais importante da literatura guianense constitui a primeira metade do século XX, período que dá origem a muitos escritores que têm importante impacto na negritude, sendo este um elemento constitutivo dessa literatura. A adesão de autores como Léon-Gontran Damas é importante para a compreensão da afirmação da identidade negra nessa literatura. Damas integra o trio fundador da negritude e sua participação em atividades políticas e culturais lhe conferiu celebridade no país. No entanto, a contribuição de René Maran continua importante, pois sua passagem pela África inspirou seus contos e romances, jogando nova luz sobre a colonização e dando voz aos povos até então excluídos desse processo (MONGO-MBOUSSA, 2013).

A geração seguinte, 1950-1960, é marcada por escritores envolvidos com a causa negra, cujos principais representantes são Serge Patient e Elie Stephenson (THÉBIA, 2017). Os escritores da geração de 1970-1980 também se conscientizaram sobre a causa negra ou a escravidão, por meio da escrita e de atividades políticas, considerando o doloroso período que provocou graves consequências para a sociedade guianense e para as pessoas negras em geral. Christiane Taubira permanece como a figura expoente dessa geração (SULSER, 2016), atuando tanto na esfera literária, com obras como *Grand Balan* (2020) e *L'esclavage raconté à ma fille* (2002), quanto política, ocupando o cargo de deputada, Ministra da Justiça e, atualmente, pré-candidata à presidência. Pertencente a esse grupo, Assunta Renau Ferrer traz em seu livro, *Mon coeur est une mangrove* (1996), um conjunto de poemas que remetem à natureza exuberante da Guiana Francesa em equilíbrio com certa nostalgia dos antepassados, o que evidencia a sua preocupação com a herança e tradição dos povos negros.

Assunta Renau Ferrer: poemas de amor e nostalgia

Assunta Renau Ferrer nasceu no Brasil em 1959 e foi para Guiana Francesa em 1964, onde estudou, tornando-se professora da Escola Normal de Caiena. Conselheira pedagógica com especialização em Línguas e Culturas Regionais, participou de muitos eventos como contadora de histórias, em diversos programas culturais, tanto em rádio como televisão. Seus primeiros poemas foram publicados na revista *La Torche* e nos *Cahiers de l'Adour*. Em 1985 publicou por conta sua primeira coletânea, *Jeux de Malmes*. Também escreveu contos na obra coletiva *Krik Krak* pela Magnard-Servedit, onde defende que contar histórias é uma forma de olhar para o passado e valorizar heranças ancestrais (MANGA, 2008).

A coleção de poemas reunidos em *Mon cœur est une mangrove* foi publicada em 1996 pela Ibis Rouge Editions. O volume traz 32 poemas que remetem à escravidão, às marcas da colonização deixadas na sociedade, mas também à importância da memória, nostalgia e amor pela ancestralidade, em que se realçam a natureza exuberante da Guiana. Na última página do livro, fica explícito que, para a poeta,

escrever é um ato de amor, mas também um ato de fé. O poeta escreve para si, mas também para os outros, afirma ela: “a escrita da poesia também parece um pincel de mestre, que sabe capturar as emoções, as cores, as temperaturas (FERRER, 1996, p. 69).

Embora haja poucas informações disponíveis sobre essa autora de publicação escassa, o conjunto dos poemas de Assunta Ferrer parece-me significativo na formação do sistema literário guianense. Nesse sentido, a tradução dos poemas escolhidos de *Mon cœur est une mangrove / Meu coração é um mangue* se justifica. Poemas menores, apresentados em itálico, alternam-se entre os principais. Considero-os como uma voz autoral, que se destaca para enfatizar sua mensagem. As primeiras estrofes apresentadas dessa forma, funcionam como epígrafe, propondo uma chave de leitura que o leitor deve considerar:

... et le poème vint... Libre como un vol d'oiseau, chaud comme à l'heure de nos rêves aux feux des savanes, secret comme la pierre qu'abrite la mousse au coeur de la forêt. (FERRER, 1996, p. 11)³.

3 Mantivemos a formatação em itálico, conforme o original. [N.T.].

*... e o poema veio... Livre como um voo de pássaro, quente como na hora de
nossos sonhos no fogo das savanas, secreto como a pedra que protege o musgo no
coração da floresta.*

Em relação às questões abordadas, a literatura da Guiana se relaciona principalmente à escravidão, assumindo várias formas. Como se comprova na epígrafe, Assunta Ferrer aponta como leitura, para *Meu coração é um mangue*, a herança africana que canta as belezas da natureza e a nostalgia, mesmo que esta advenha de um tempo de sofrimento. A forma escolhida por ela é o poema, que se manifesta “*Livre como um voo de pássaro*” e é motivado pela memória de um lugar ancestral, onde há savanas e florestas. No conjunto de seus poemas, Ferrer desenvolve temas caros à literatura guianense, como a negritude e a escravidão, mas sem ofuscar o fio condutor do livro: o amor que canta a memória dos que vieram das terras africanas e construíram a identidade guianense.

É importante lembrar que o primeiro estabelecimento francês no território guianense data de 1503, mas os franceses ali se instalaram de fato quando os colonos fundaram Caiena, em 1643. A colônia foi desenvolvida como uma sociedade constituída de africanos escravizados em grandes açucareiros e outras plantações. A escravidão foi abolida nas colônias durante a Revolução Francesa e a Guiana foi designada como um Departamento Francês em 1797. Mas a abolição definitiva ocorreu em 1848, tendo como consequência danos às plantações, agravando a situação com o descobrimento de jazidas de ouro em 1885, pois a mão-de-obra se voltou inteiramente para a mineração. Uma questão crônica que afeta a Guiana Francesa é o fluxo de imigrantes ilegais e garimpeiros clandestinos oriundos do Brasil e do Suriname. Há ainda a imigração de brasileiros que chegam à Guiana Francesa em busca de trabalhos formais ou informais (CLEAVER, 2005).

Essa breve contextualização sobre a Guiana é importante para que se entendam as fontes que inspiram a poesia de Assunta Ferrer. Infelizmente, não é possível saber com detalhes o que motivou sua família migrar para a Guiana Francesa, mas importa entender que, vivendo nesse país desde os cinco anos, aproximadamente, sua identificação é com essa terra e sua história.

Após a epígrafe, há o primeiro poema também em itálico, a voz autoral que mencionei, guiando os poemas intitulos. Este primeiro indica a origem e a condição do eu lírico e a idealização de uma terra cantada com nostalgia.

*Nous naquîmes tous sous un
coup de fouet de destin, ici
ou là: nuits, jours et soleils.
Nous sommes tous
d'un esclavage,
d'une contrée perdue,
d'une mer lointaine.*

*Et là où fut fait mon père,
l'ombre est si fraîche, le soleil
si doré, les hommes si braves
et les femmes si belles.
(FERRER, 1996, p. 13)*

*Nascemos todos sob um
açoite do destino, aqui
ou ali: noites, dias e sóis.
Somos todos
da escravidão,
de uma terra perdida,
de um mar distante.*

*E onde meu pai foi feito,
a sombra é tão fresca, o sol
tão dourado, os homens tão valentes
e as mulheres tão belas.*

É interessante notar que o campo semântico da nostalgia (*terra perdida / mar distante*) é de um lugar idealizado, onde há *sombra fresca, sol dourado, homens valentes e mulheres belas*. Pode-se dizer que essas imagens estão em sintonia com a história colonial do Brasil. Parece-me que, não à toa, a autora não se esquece de sua origem, e oferece um poema em prosa em referência à terra natal:

TRISTESSE

SUR UN SOL OUBLIÉ

La terre a soif et les hommes ont faim. Dans une région déjà pauvre du Brésil, des enfants sont morts. La sécheresse a étendu ses bras cruels jusqu'à ce petit village. Les pêcheurs ne remontent plus leurs filets de la rivière; les cultivateurs ont cessé de se battre contre le soleil.

... Plus de carnaval pour effacer la misère. Le carnaval n'a jamais effacé la misère. (FERRER, 1996, p. 25)

TRISTEZA

NUM SOLO ESQUECIDO

A terra tem sede e os homens têm fome. Numa região já pobre do Brasil, crianças morreram. A seca estendeu seus braços cruéis a esse vilarejo. Os pescadores não puxam mais suas redes do rio; os agricultores pararam de lutar contra o sol.

... Chega de carnaval para apagar a miséria. O carnaval nunca apagou a miséria.

Como se pode observar, o eu lírico traz à tona uma realidade social retratada com tom denunciatório, chamando atenção ao paradoxo da miséria/carnaval. O próximo poema homenageia seus ancestrais e tem como função eternizar na história, através da escrita, a luta do povo escravizado.

AU NOM DES NÔTRES

Les nôtres, c'est le chant des savanes;

Les nôtres, c'est la nuit

Des ravages de l'histoire.

S'enfuient dans le temps

Les combats de nos pères,

Les saccades moribondes

*Des jours que l'on oublie.
Les tiens et les miens
Os teus e Sont d'une autre terre.
L'océan qui rugit
Un jour les a portés.
Les vôtres et les miens
Ont trouvé un pays
Pour bâtir la maison.
Les nôtres sont de ceux
Que la vague ne brise pas
Contre le rocher.
Ils sont comme ces rivières
Qui voyagent vers le large
En nourrissant au passage
Les enfants que les jours
Déposent au rivage.
Au nom des nôtres
Les refrains du poème
S'en iront dans le temps.
Du nom des nôtres
Je ferai naître mes mots
Comme au premier jour
On vit paraître le feu.
En hommage à mon père,
Je donnerai aux vôtres,
Les marées et les lunes
En chants et en vers.
Au nom des vôtres,
Au nom des miens,
Je ferai d'une page
L'histoire des chemins.
Pour la mémoire des nôtres
J'emmènerai plus loin
Les refrains du poème
Qui resteront dans le temps. (FERRER, 1996, p. 17)*

EM NOME DOS NOSSOS

Dos nossos é o canto das savanas;

Dos nossos é a noite

Dos estragos da história.

Fogem no tempo

As lutas de nossos pais,

Os golpes moribundos

Dos dias que esquecemos.

Os teus e os meus

São de uma outra terra.

O oceano que ruga

Um dia os levou.

Os vossos e os meus

Encontraram um país

Para construir o lar.

Os nossos são aqueles

Que a onda não quebra

Contra a rocha.

São como os rios

Que viajam para o mar⁴

Alimentando na passagem

Os filhos que os dias

Deitam na praia.

Em nome dos nossos

Os refrões do poema

Partirão no tempo.

Do nome dos nossos

Farei nascer minhas palavras

Como no primeiro dia

Vimos aparecer o fogo.

Em homenagem a meu pai,

4 Optei por uma tradução não literal para [*vers le large*], que penso não comprometer o sentido do poema.

*Darei aos vossos,
As marés e as luas
Em canções e em versos.
Em nome dos vossos,
Em nome dos meus,
Farei de uma página
A história dos caminhos.
Pela memória dos nossos
Trarei mais longe
Os refrões do poema
Que ficarão no tempo.*

O poema acima nos permite a ideia de que a transmissão dessa história é imprescindível, sobretudo na crescente cultura digital diante da qual nenhum de nós pode fechar os olhos. Na América Latina, a literatura de língua francesa não é expressiva, o que dificulta o interesse pela literatura de um país periférico como a Guiana Francesa. Poucos sabem que se trata de um departamento francês. Assim, além da ajuda de editores, os trabalhos acadêmicos e as traduções de escritores, sejam eles consagrados ou não, são fundamentais para a disseminação dessa cultura e a consolidação de sua literatura. Abaixo, apresento outro poema sem título, que se configura entre os demais poemas enfatizando a mensagem da obra.

*Et la ville étire ses murs
jusqu'au-delà du songe
que fait le pipiri
avant l'aurore.*

*C'est l'heure de partir.
L'envol étiré
de l'oiseau-flamme
danse au-dessus
de la savane, qu'embrasent
les mois d'octobre de Matiti.*

*Mais chaque mur de la ville
respire le souvenir...* (FERRER, 1996, p. 30)

*E a cidade estende seus muros
para além do sonho
que o pipiri sonha⁵
antes da aurora.*

*É hora de partir.
O voo esticado
do pássaro flamejante
dança acima
da savana, que os meses de outubro
incendeiam em Matiti.*

*Mas cada muro da cidade
respira a lembrança...*

Como se vê, o tema da memória e o sentimento de nostalgia predominam no poema de Assunta Ferrer e, a meu ver, não são estranhos ao leitor brasileiro, uma vez que partilhamos de uma história de escravidão semelhante. Nesse sentido, esta tradução serve como sugestão a trabalhos futuros no campo da literatura comparada, o que remete à discussão sobre a importância da tradução, principalmente no que diz respeito à apresentação desses poemas. De acordo com Even-Zohar (2012), os princípios de seleção das obras a serem traduzidas são determinados pela situação que rege o polissistema local. No caso da tradução que apresento, o critério foi estabelecido por uma demanda, isto é, existe uma chamada em revista acadêmica, esta, que promove, nesse momento, a literatura da Guiana Francesa. Mas há, contudo, uma motivação na escolha dos poemas, justificada pela identificação com a nossa cultura, inegavelmente colonial.

Assim, o interesse acadêmico somado à identificação com os temas conhecidos por nossa tradição, como o saudosismo, a idealização da natureza e a escravidão, possibilitam o conhecimento de um sistema literário diferente do nosso, pois

5 Pipiri (*Tyrannus dominicensis*), in: https://inpn.mnhn.fr/espece/cd_nom/442493/tab/statut. Conhecido no Brasil como Suiriri-cinza [N.T.].

nem todos os polissistemas são estruturados da mesma maneira e as culturas diferem significativamente. Por exemplo, está claro que o sistema cultural francês, a literatura francesa naturalmente incluída, é muito mais rígido do que a maioria dos outros sistemas. Isso, combinado com a longa posição central tradicional da literatura francesa no contexto europeu (ou dentro do macropolissistema europeu), fez com que a literatura francesa traduzida assumisse uma posição extremamente periférica⁶ (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 166 – tradução minha).

Talvez isso explique, mesmo que parcialmente, a dificuldade que tive em obter informações mais detalhadas sobre a autora.

Em relação ao método de tradução, o principal esforço do tradutor é se concentrar em encontrar os melhores modelos para o texto estrangeiro, e o resultado muitas vezes é uma tradução não adequada ou uma discrepância maior entre a equivalência alcançada e a adequação oferecida. Mas, segundo André Lefevère (2012, p. 204), uma abordagem sistêmica da literatura, por outro lado, tende a não sofrer com tais suposições.

Desse modo, meu objetivo inicial é introduzir os poemas de Assunta Ferrer em nosso sistema literário, mesmo que seja para um espaço acadêmico interessado nessa poesia. Não me aventurei em analisar os poemas, mas em apresentá-los o mais próximo possível do sentido que eles contêm, para que o leitor perceba os temas ali presentes e que possivelmente se identifique com eles pela semelhança que o campo semântico promove em relação à nossa literatura, sobretudo, no que concerne à terceira fase de nosso romantismo, cujo maior representante é Castro Alves.

Pode ser que minha proposta seja entendida como uma refração, no sentido de oferecer esses poemas como entrada à literatura guianense. Entretanto, não tentei naturalizar a linguagem que os poemas constituem, apenas adequei uma palavra ou outra a fim de manter um efeito estético que considere melhor. A intenção é dar ao leitor um conjunto de material que possa auxiliá-lo na compreensão do texto, que ele é livre para aceitar ou não.

Assim, adaptando a ideia de Lefevère à minha proposta, ofereço a possível tradução desse conjunto de poemas

6 “not all polysystems are structured in the same way, and cultures do differ significantly. For instance, it is clear that the French cultural system, French literature naturally included, is much more rigid than most other systems. This, combined with the long traditional central position of French literature within the European context (or within the European macro-polysystem), has caused French translated literature to assume an extremely peripheral position”.

com base [no] desejo de saber, que por si só está sujeito a restrições, um desejo de saber não como a própria literatura conhece, mas de saber as maneiras pelas quais a literatura oferece seu conhecimento, que é tão importante, que devem ser compartilhadas na medida do possível⁷ (LEFEVÈRE, 2012, p. 218, tradução minha).

Apresento a seguir, uma possibilidade de tradução para alguns poemas que não apresentei na elaboração deste artigo. Meus comentários às escolhas possíveis estão nas notas.

LIBERTÉ

*En ce temps là, sous un ciel d'esclavage,
Quand déjà, dans les fonderies,
Coulait à flot de sucre du désespoir,
Tu apparaissais dans les rêves
De l'enfant au kalenbé servile.
Contre ta douleur, poussaient en ces jours là
Le coton, le roucou, l'indigo des commerces.
Leur vie était un bail
A l'exploitation de la peau et du sang.
Tu étais, Liberté, un fantasme lointain
Que les maîtres bafouaient même après les grand-messes.
Les grand-messes aux robes blanches
Qui jamais n'auraient pu cacher
L'illégitimité de leur alliance avec un dieu.
Et les soirs des samedis nègres
Tu flirtais, Liberté,
Avec les lourdes chaînes
Devant les cases à Nègres.
Le carnaval diabolique du détenteur des clés
Sonnait l'alarme des révoltes attendues*

7 “on the basis of that desire to know, which is itself subject to constraints not dissimilar to the ones operating in the literary system, a desire to know not as literature itself knows, but to know the ways in which literature offers its knowledge, which is so important that it should be shared to the greatest possible extent”.

*De l'enfant au rêve fou,
Et ne parvenait pas à anéantir
Ce souffle d'existence
Nié comme un blasphème,
Qui frappait et frappait encore
Sur les peaux tendues des tambours de veillée.
... Mais il a bien fallu que tu viennes, Liberté.
Car... Assez de se baisser,
Assez d'en avoir à cirer les bottes
Aux conducteur de négriers,
Assez de compter à rebours les articles du Code Noir,
Inscrit jusque dans la chair
En stigmates d'horreur.
Assez d'empeser les draps de blancheur hypocrite
Quand les songes qu'ils abritaient
Souillaient l'humanité...*

*Il reste de la tourmente
Un bel amour d'ébène:
Des enfants en témoignage
De ce qu'a laissé l'histoire
Sur une plage de nos mémoires. (FERRER, 1996, p. 15)*

LIBERDADE

Naquele tempo, sob um céu de escravidão,
Quando já, nas caldeiras,
Corria o açúcar do desespero,
Tu aparecias nos sonhos
Da criança com servil calimbé⁸.
Contra tua dor, crescia naqueles dias

8 Veste sumária, semelhante à tanga, usada pelos indígenas da Guiana (América do Sul). In: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#4.

O algodão, o urucum, o índigo das feiras⁹.
A vida deles era um aluguel
De exploração da pele e do sangue.
Tu eras, Liberdade, um fantasma distante
Que os mestres desprezavam mesmo após as missas
As missas solenes
Que nunca poderiam ter escondido
A ilegitimidade da aliança deles com um deus.
E nas noites dos sábados negros
Tu flertavas, Liberdade,
Com as pesadas correntes
Diante das cabanas dos Negros.
O carnaval diabólico do detentor das chaves
Soava o alarme das esperadas revoltas
Da criança com sonhos loucos,
E não conseguia aniquilar
Esse sopro de existência
Negado como uma blasfêmia,
Que batia e batia ainda
Sobre as peles tensas dos tambores de vigília.
... Mas tu tinhas que vir, Liberdade.
Pois... Chega de se curvar,
Chega de ter que engraxar as botas
Dos condutores¹⁰ de negros,
Chega de contar de cabo a rabo os artigos do Código Negro,
Inscrito até à carne

9 A escolha desse vocábulo se explica por entradas que o Dicionário Houaiss oferece: comercialização de diversos artigos; comercialização de artigos a preço de custo. In: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#10. Talvez seja mais familiar ao leitor brasileiro. Outra opção, mais próxima do sentido original, seria varejo. No *Dictionnaire de l'Académie Française*, *commerce* = *Activité qui consiste à acheter et à vendre des marchandises, des denrées, des valeurs, des services, etc., en vue de réaliser un profit. Le commerce des grains, des vins, des bois, du cuir, des métaux. Commerce de gros, de demi-gros, de détail. Le commerce de l'argent. Un navire, un port de commerce. Le commerce intérieur, extérieur, international. Ecole de commerce. Le ministère du Commerce et de l'Artisanat.* In: <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9C3120>.

10 Referência aos motoristas dos veículos que levavam os negros.

Em estigmas de horror.
Chega de engomar os lençóis de brancura hipócrita
Quando os sonhos que eles abrigavam
Profanavam a humanidade...

Resta o tormento
Um lindo amor de ébano:
Crianças como testemunhas
Do que a história deixou
Numa praia de nossas memórias.

MALGRÉ

*Malgré le temps qui fuit,
Je ne peux effacer
L'heure au rendez-vous
Des secrètes amours.
Et tandis que mes yeux
Se ferment pour les garder
Mes souvenirs brûlants
S'échappent en fous espoirs.
Mais un vol rouge d'ibis
Emportera très loin,
Les pleurs de mes yeux désarmés.
Désarmés de ne plus voir
La rivière en ruban s'en aller vers la mer,
La savane de satin vert
Couverte de rosée,
Le soleil derrière le pont
Et le queue-jaune rêveur,
A l'heure de l'après-midi.
Mais un vol rouge d'ibis
Ira dire à mon pays
La nostalgie de mon coeur*

*A laisser derrière moi
Les aiguilles du temps
Que je ne sais rejoindre.
Et Malmanoury murmurerà toujours
A la saison du wara,
Le temps du tanlontan
Depuis longtemps perdu. (FERRER, 1996, p. 19)*

APESAR DE

Apesar do tempo que foge,
Não posso apagar
A hora do encontro
Dos amores secretos.
E enquanto meus olhos
Se fecham para guardá-los
Minhas lembranças candentes
Escapam em loucas esperanças.
Mas um voo vermelho de íbis
Levará muito longe
As lágrimas de meus olhos desarmados.
Desarmados por não mais verem
A faixa de rio em direção ao mar,
A savana de cetim verde
Coberta de orvalho,
O sol atrás da ponte
E o tecelão¹¹ sonhador,
À hora do entardecer.
Mas um voo vermelho de íbis
Dirá ao meu país
A saudade do meu coração

11 Ou japim-soldado (ave).

Deixando para trás
Os ponteiros do tempo
Que não sei juntar.
E Malmanoury murmurará sempre
Na temporada de tucumã¹².
O tempo de tanlonge
Há tanto tempo perdido.

FOURGASSIER

*Suspendus au vol du morpho,
Des jupons transparents
Aux dentelles d'écume blanche.
Et parmi les envolées légères
De mille gouttes d'eau,
Le temps reprend son souffle.
La ronde verte des pyébwa qui ruissellent
Invitent au rêve et à la poésie.
La création laisse là-bas,
En suspens sur l'air pur,
Ses appels parfois entendus.
Que viennent ces jours nouveaux
Où ma main dans la tienne
Nous irons mouiller nos âmes
Aux larmes de ces jupons.
La pierre glacée nous verra venir,
L'oiseau au vol léger
Chantera sa chanson d'aurore
Et autour de nous, le temps fera danser
Tout l'amour que le monde invente. (FERRER, 1996, p. 20)*

12 Ou wara (*Astrocaryum aculeatum*), fruto da palmeira amazônica.

FOURGASSIER

Suspensas no voo da morpho,
Saías transparentes
Em rendas de espuma branca.
E entre os voos leves
De mil gotas d'água,
O tempo retoma seu fôlego.
A ciranda verde dos *pyébwa*¹³ que gotejam
Convidam ao sonho e à poesia.
A criação deixa ali,
Suspensos no ar puro,
Seus apelos às vezes ouvidos.
Venham esses dias novos
Quando de mãos dadas
Molharmos nossas almas
Com as lágrimas dessas saías.
A pedra cristalizada nos verá chegar,
O pássaro de voo leve
Cantará sua canção da aurora
E ao nosso redor, o tempo fará dançar
Todo o amor que o mundo inventa.

UN POÈTE EST MORT

Pour Benjamin MALOISES, poète Sud-Africain

*A l'aube noire,
Dans le matin chaud,
La poésie a pleuré.*

13 Em crioulo designa qualquer árvore, que não tem nome. Anaïs Stampfli, «Raphaël Confiant et l'auto-traduction, de la traduction-outil à la création littéraire», *Recherches & Travaux* [En ligne], 95 | 2019, mis en ligne le 05 décembre 2019, consulté le 29 juin 2021. URL: <http://journals.openedition.org/recherchestravaux/1748>; DOI: <https://doi.org/10.4000/recherchestravaux.1748>

*La rosée s'est tue,
Trop pleine de douleur.
Les hurlements de rage
Ont couvert les appels de paix.
Au bout d'une corde était un espoir;
Un poète est mort,
Il était noir.*

*Afrique qu'il ose aimer,
Peuple qui veut chanter,
Ton souvenir sera comme le désert
Qui rage de sable et de vent
A travers l'infini.
Un poète est mort.*

*Pour avoir cru à ce rêve d'or
Les poètes ont chanté,
Les prières sont élevées,
Mais les larmes ont gagné.
L'amer regret de l'humanité
Qui crève les coeurs,
Qui blesse à mort,
A inondé d'un goût de sang
La terre qu'on viole encore. (FERRER, 1996, p. 22)*

UM POETA MORREU

Para Benjamin MALOISES, poeta sul-africano

Na madrugada negra,
Na manhã quente,
A poesia chorou.
O orvalho morreu
Tão cheio de dor.
Os uivos de raiva

Cobriram os apelos de paz.
No final de uma corda, uma esperança;
Um poeta morreu,
Ele era negro.

África que ele ousa amar,
Povo que quer cantar,
Tua lembrança será como o deserto
Que se enfurece com areia e vento
Até o infinito.
Um poeta morreu.

Por acreditarem nesse sonho dourado
Os poetas cantaram,
As preces se elevaram,
Mas as lágrimas venceram.
O amargo remorso da humanidade
Que parte os corações,
Que fere até a morte,
Inundando com gosto de sangue
A terra que ainda violam.

LARMES DE SAISONS

*Ce soir, je ne sais pas écrire;
Au loin, je les entends gémir
Qui frappent et tombent dans ma tête,
Ils ne seront jamais en fête.*

*Ce soir, je ne sais pas chanter.
Au fond de moi, ils sont restés
Et leur douleur, dans ma maison,
Revit encore, amère chanson.*

*Pour toi, je veux savoir redire
Le goût de pluie, l'odeur mouillée,
Qui tour à tour vient leur rappeler
Que d'eux, la faim ne veut partir.*

*Homme de terre détremée,
Veine de misère desséchée,
Ton nom sera au bout de l'Age,
Tu pleures, tu meurs, c'est ton destin,
Sans plus pouvoir tourner de page.*

*Pour vous, je veux aller crier
Entre soleil et vérité,
Si vos enfants aux ombres mortes
Doivent déjà fermer les portes. (FERRER, 1996, p. 23)*

LÁGRIMAS DE ESTAÇÕES

Esta noite, não sei escrever;
Ao longe, eu os ouço gemer
Batem e tombam em minha cabeça,
Eles nunca estarão em festa.

Esta noite, não sei cantar.
No fundo de mim, eles ficaram
E sua dor, em minha casa,
Revive ainda, canção amarga.

Para ti, quero saber repetir
O gosto da chuva, o cheiro úmido,
Que vez e outra os vem lembrar
Que a fome deles não quer passar.

Homem de terra encharcada,
Veia de miséria ressecada,

Teu nome estará no final da Era,
Tu choras, tu morres, é teu destino,
Sem mais poder virar a página.

Para vocês, quero gritar
Entre o sol e a verdade,
Se seus filhos nas sombras mortas
Já devem fechar as portas.

MANUEL

*Plus elle craque au soleil,
Plus elle se fendille sous tes pieds,
Et plus tu l'aime,
Cette terre
Qu'on a voulu te laisser en reste.
Plus ta douleur se fait lourde,
Plus cruelle ta destinée,
Et plus tu veux la vaincre,
Cette terre aride
Sur laquelle tu as vu le jour.*

*Comme si tu pouvais,
Pauvre Manuel,
Paysan de ma terre,
Seul avec tes mains,
Faire lever la graine
Que tu y jettes
Avec un espoir irraisonné.*

*Plus ton ventre pleure,
Plus tes enfants souffrent,
Et plus tu t'acharnes sur elle,
Terre stérile qui ne peut donner la vie.*

Plus dans ta tête fourmillent
Mille prière à ton dieu sourd,
Et plus elle sèche ton âme,
Cette terre aride
Sur laquelle tu vas mourir.

Comme si tu pouvais,
Pauvre Manuel,
Paysan de ma terre,
Seul avec ton coeur,
Faire tomber la pluie
Qui sauvera ton peuple désarmé. (FERRER, 1996, p. 24)

MANUEL

Quanto mais ela racha ao sol,
Quanto mais ela se parte sob seus pés,
Mais tu a amas,
Essa terra
Que quisemos te deixar como resto.
Quanto mais tua dor se faz pesada,
Quanto mais cruel teu destino,
Mais tu queres vencê-lo,
Essa terra árida
Na qual tu viste o dia.

Como se tu pudesses,
Pobre Manuel,
Camponês de minha terra,
Só com tuas mãos,
Levantar a semente
Que tu jogas nela
Com uma irracional esperança.

Quanto mais teu ventre chora,
Quanto mais teus filhos sofrem,
Mais tu perseveras nela,
Terra estéril que não pode dar a vida.
Quanto mais em tua cabeça formigam
Mil preces a teu deus surdo,
Mais ela seca tua alma,
Essa terra árida
Na qual tu vais morrer.

Como se tu pudesses,
Pobre Manuel,
Camponês de minha terra,
Só com teu coração,
Fazer cair a chuva
Que salvará teu povo indefeso.

EXODE

*J'étais alors en solitude,
Comme souvent certains poètes
S'enferment en des chemins des mots,
Pour aller vers des visions sublimes.
Je promenais alors mon âme
En une errance déraisonnée
Que mon enfance a condamné
A m'escorter jusqu'aux larmes des autres.
Et puis, je les ai vus:
Ils allaient de leurs lenteur,
Sombres et blancs,
Fiers et courbés.
La procession de leurs lourds souliers
Dessinait leur destin enneigé,
Et charriait vers le nulle-part où ils allaient,*

*Tout ce dont ils étaient faits.
Leurs enfants auraient pourtant voulu
Que revienne le printemps,
Et que les fleurs des champs
Rougeoient à nouveau autour de la maison.
Ils auraient pourtant aimé
Que revienne la saison
Où rient et se poursuivent
Les écoliers de la récréation.
Ils en auraient pourtant appelé
A la raison supposée des grands.
Mais l'homme est ainsi fait
Qui ne sais pas entendre
La parole dite de l'autre.
... Et le soir a dérobé
En saccades à sanglots,
Les couleurs oubliées que le temps avait donné.
Le silence a volé,
En pleurs non achevés
Les chansons d'outre-émoi
Suspendues à leurs ombres
S'en allant pas à pas. (FERRER, 1996, p. 26)*

ÊXODO

Então eu estava na solidão,
Como sempre alguns poetas
Se fecham nos caminhos das palavras,
Para ir entre visões sublimes.
Então conduzi minha alma
Numa errância irracional
Que minha infância condenou
A me acompanhar até às lágrimas dos outros.
Então, eu os vi:

Eles iam de sua lentidão,
Sombrios e brancos,
Orgulhosos e curvados.
A procissão de seus pesados sapatos
Desenhava seu destino nevado,
E carregava para lugar nenhum,
Tudo do que eram feitos.
No entanto, seus filhos teriam desejado
Que voltasse a primavera,
E que as flores dos campos
Brilhassem novamente ao redor da casa.
No entanto, eles teriam gostado
Que voltasse a estação
Quando riem e se perseguem
Os alunos no recreio.
No entanto, eles teriam chamado
A razão suposta dos grandes.
Mas o homem assim é feito
Não sabe ouvir
A palavra dita do outro.
... E a noite roubou
Bruscamente com soluços,
As cores esquecidas que o tempo havia dado.
O silêncio roubou,
Em choros inacabados
As canções avassaladoras
Suspensas em suas sombras
Indo-se passo a passo.

Referências bibliográficas

CLEAVER, Ana Julieta. *“Ni vue, ni connu”: a construção da nação na Guiana Francesa*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília), Brasília, 2005. 168ff.

DRUON, M. et al. *Dictionnaire de l'académie française*. 9ème. ed. Disponível em: <<https://www.academie-francaise.fr/dictionnaire/>>. Acesso em 6 de maio de 2021.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of translated Literature within the Literary poly-system. In: VENUTI, Lawrence (ed.) *The Translation Studies Reader*. 3. ed. London: Routledge, 2012, p. 162-167.

LEFEVÉRE, André. “Mother Courage’s Cucumbers: Text, system and refraction in a theory of literature”. In: VENUTI, Lawrence (ed.) *The Translation Studies Reader*. 3. ed. London: Routledge, 2012, p. 233-249.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em 6 de maio de 2021.

MANGA, Blaise Bitegue Dit. «La Littérature guyanaise de demain, d’où vient-elle?», *Nouvelles Études Francophones*, v. 23, n. 2, 2008, p. 155-176.

MONGO-MBOUSSA, Boniface. «René Maran, Léopold Sédar Senghor: une relecture», *Présence Africaine*, vol. 187-188, n. 1, 2013.

NDAGANO, Biringanine. *Introduction à la littérature guyanaise*. CDDP de la Guyane, 1996.

THÉBIA, Marie-Claude. “Abolition de l’esclavage (5/5): *Le Nègre du Gouverneur*, un puissant roman écrit en Guyane – Guyane la 1ère”. In: *francetvinfo.fr*, 9 de junho de 2017. Disponível em <<https://la1ere.francetvinfo.fr/guyane/abolition-esclavage-55-negre-du-gouverneur-puissant-roman-ecrit-guyane-480245.html>>. Acesso em 6 de maio de 2021.

SULSER, Eléonore. Christiane Taubira: “Je chemine avec la littérature”. *Le Temps*, 22 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.letemps.ch/culture/christiane-taubira-chemine-litterature>>. Acesso em 24 de junho de 2021.

Dicionários consultados

DICTIONNAIRE de français. *Litttré*. Disponível em: <<http://littre.reverso.net/dictionnaire-francais/>>. Acesso em 6 de maio de 2021.

DRUON, M. et al. Dictionnaire de l'académie française. 9ème. ed. Disponível em: <<https://www.academie-francaise.fr/dictionnaire/>>. Acesso em 6 de maio de 2021.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/>>.

LAROUSSE Dictionnaires de Français. Disponível em: <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/>>. Acesso em 6 de maio de 2021.

REY, A. (Dir.) *Le Robert Micro*. Canadá, 1998.

TLFi: *Le trésor de la langue Française informatisé*. Disponível em: <<http://www.atilf.fr/tlfi>>. Acesso em 6 de maio de 2021.

THE FREE *Dictionary*. Disponível em: <<https://www.thefreedictionary.com/>>. Acesso em 6 de maio de 2021.